

ENTREVISTA A JOSÉ LUÍS CAMBÃO

07 de Fevereiro de 2018

ENTREVISTADO: José Luís Cambão

Centro de Mar – Pronto então, eu não sei nada sobre si, só sei que nos fez aqui esta cedência, diga-me lá então que tipo de ligação tem às...

José Luís Cambão – A ligação que eu tenho à pesca do bacalhau e ao mar é assim, o meu pai...pronto, isto começa pelos meus avós, a minha avó era cozinheira e empregada doméstica na Quinta do Cerqueira, do homem da Empresa de Pesca de Viana e depois nos anos 40, por aí, por volta disso não havia, isto é, vivia-se muito mal, muita fome e o meu pai e os meus tios foram todos para, toda a família do meu pai, andaram quatro irmãos no bacalhau, foram todos muito jovens no tempo do Manuel, nessa altura foi o meu pai e um irmão, Manuel Casanova Cambão também ia para a empresa e um outro tio meu foi para a seca, trabalhar para a seca do bacalhau, um outro que faleceu há pouco tempo também trabalhou naquela empresa, depois foi para os estaleiros e fez a carreira toda de soldador nos Estaleiros, e pronto, desde muito pequeno habituei-me a andar por aqui, quando chegavam os navios, quando saíam os navios a gente vinha à chegada dos navios, quando o navio partia íamos ver o navio partir e pronto, e depois há todo um vale de histórias que as pessoas vão contando...como eu lhe disse o meu pai embarcou...

Centro de Mar – Mas quando... na pesca...

José Luís Cambão – Não, eu nunca andei na pesca. Eu, a minha ligação ao mar foram os Estaleiros, aos 15 anos fui para os...

Centro de Mar – Mas o seu pai andou ao bacalhau?

José Luís Cambão – O meu pai embarcou com 12 anos...

Centro de Mar – Mas no arrasto ou pesca à linha?

José Luís Cambão – Na pesca à linha...

Centro de Mar – E sabe mais ao menos em que altura...

José Luís Cambão – Não sei, eu tinha a cédula dele, que era um desdobrável em 3 partes e entretanto quando eu casei, mudei de casa, levei coisas e trouxe coisas e acho que não a deitei fora ou tenho isso lá guardado em algum lado, tenho lá umas caixas no sótão, tenho de procurar isso porque acho que pronto, é uma coisa para eu guardar e nunca mais me esqueço que eu às vezes abria aquilo lá a idade, a data que ele embarcou e lembro-me perfeitamente da categoria, moço de convés, era a categoria dele e depois pronto, fui-me habituando a isto, a lidar com os navios e a conhecer as pessoas daqui, ouvir histórias e fascinou-me sempre as histórias do bacalhau, uma das coisas que á minha mãe perturbava era saber que eles tinham 1 litro de água por dia e no início era meio litro, mas meio litro de água não era para beber, era para fazer a higiene e para beber, então eles juntavam-se 3 ou 4 punham um bocado de água na bacia e com aquela água lavavam-se todos, lavavam a cara e a outra guardavam para beber e pronto, fui me habituando a ouvir histórias, a história das línguas, não sei se sabe, a história da língua do bacalhau...porque é que começaram a comer as línguas do bacalhau? Isto sempre gente séria e gente honesta e desonesta toda a vida...então como é que faziam, os homens chegavam com os dóris, os botes e o bacalhau era contado e depois por exemplo, você pescava 20 e o gajo no fim das contas dizia que foram 15, aqueles mais espertos “tem calma que a gente trata já do assunto”, começaram a cortar as línguas ao bacalhau “apanhaste 50”, “ não apanhei não, apanhei 60”, “ não, não, foram 50”, “tenho aqui 60 línguas”...os gajos a prova que tinham dos peixes que apanhavam eram...eles cortavam as línguas e guardavam-nas e chegavam ao fim cada bacalhau só tinha uma língua, a prova eram as línguas e depois as línguas eram comidas às escondidas, depois a partir daí começaram a tirar as línguas também e a comercializar, pronto, eu lembro-me muito de pequeno... o bacalhau era uma coisa tão boa e tão boa, a pesca do bacalhau os tripulantes levavam que comer para o bacalhau, hoje os navios são casas fartas...

Centro de Mar – Sim, sim, sim...

José Luís Cambão – Na altura levavam que comer, eu lembro-me perfeitamente, não me saí da imagem, uns sacos brancos, muito altos, onde levavam as roupas e essas coisas todas, anda lá por casa ainda um cobertor, chamavam-lhe cobertores da serra, era um pelo muito áspero por causa do frio que não havia camarotes, o camarote tem muito pouco tempo, porque eu já trabalhava nos Estaleiros, e no São Ruy e no Rio Lima, ainda a proa tinha as tarimbas onde o pessoal dormia, ali a molho, não havia camarotes, camarotes foi mais tarde, o primeiro navio onde trabalho profissionalmente é o Mareantes e pronto, fui-me habituando a ver essas coisas e lembro-me que o meu pai levava comida para o bacalhau, antigamente como é que se fazia, como era a conserva, havia uns chouriços de lata, chouriços que agora se compra pendurados, aquilo vinha em latas, latas de 5 quilos com óleo e então...

Centro de Mar – Chouriço de lata...não sabia...

José Luís Cambão – Ainda hoje se perguntar à sua mãe ou a alguém mais velho, “olha o que é chouriço de lata?”, eles vão-lhe explicar o que é chouriço de lata, ele não vinha seco, vinha em latas com óleo, então pedia-se nas mercearias essas latas, aquilo eram cortadas para uma lata de conserva, pediam-se essas latas vazias, como é que se fazia? Metia esse chouriço dentro, carne de porco e assim, metia-se azeite depois ia-se aos fuzileiros soldar a lata e ia como uma conserva, os fuzileiros soldavam a tampa, para depois comerem com o bacalhau, levavam as carnes de porco fumada, o chouriço, os presuntos e assim, já ia em conserva por natureza, porque a alimentação nos navios era muito fraca, 6 meses a comer tudo salgado...e isto é assim, a melhor carne já ficava em terra, a melhor carne que a empresa pagava não entrava sequer nos navios, nos navios ia aquela carne mais graúda, a carne melhor comiam os comandantes e os mestres e a tripulação eram os restos e o peixe, era bacalhau ao meio-dia e à noite, era a comida daquela gente, eles tinham de levar comida para o mar, roupas e isso tudo pronto...e eu fui me habituando a ver e a minha paixão pela pesca e isso foi, começou ai e depois aos 15 anos fui trabalhar para os Estaleiros, comecei a trabalhar em navios e estive lá 40 anos...

Centro de Mar – Diga-me uma coisa, o seu pai, quando ele...as partidas para o bacalhau...

José Luís Cambão – O meu pai era assim, só me lembro do meu pai até aos 8, 9 anos porque depois o meu pai adoeceu, o meu pai esteve internado neste navio...

Centro de Mar – Aí esteve? Outra história que me vai contar...

José Luís Cambão – Esteve internado neste navio, é pá, é assim...a história que eu tenho é a história que me contam ou as coisas que ficaram, a minha mãe infelizmente também já partiu, o meu pai também já partiu e o meu pai esteve internado aqui no Gil Eannes e do Gil Eannes veio embora, teve algo nos pulmões, adoeceu e depois esteve internado onde é agora o hospital...

Centro de Mar – O novo ou o velho?

José Luís Cambão – O novo, havia ali do tipo de um conservatório...

Centro de Mar – Aí eu lembro-me, lembro-me não...sei que tinha ali...era construção ainda...

José Luís Cambão – Não é não, esse é o cirúrgico, não é aquele, é mesmo onde está o hospital que depois foi convertido em maternidade, a primeira maternidade foi ali em cima, mas ainda não era hospital, que idade tem, desculpe lá...

Centro de Mar – 38

José Luís Cambão – Por aí, deveria estar a começar a maternidade...

Centro de Mar – Eu sei de...o hospital velho ainda sou do tempo dele, fui lá cozido na testa...

José Luís Cambão – E depois começou a maternidade onde está agora o hospital, era só a maternidade que foi no antigo conservatório, eu lembro-me do meu pai estar ali doente dos pulmões e eu ir lá visita-lo e não entrar, por causa dos contágios e tal, aquilo tinha uma varandinha e eu estava cá em baixo num jardim que tinha e ele na varanda por cima...

Centro de Mar – Só sabe que pronto, que veio...não sabe o tempo?

José Luís Cambão – Sei que andou à volta de 20 e tal anos no bacalhau, depois desembarcou quando adoeceu e ficou a trabalhar na seca, entretanto

ele saiu da seca, porque isto é assim, um dos grandes problemas de ir para o bacalhau de qualquer um dos homens é que aprendiam os vícios dos homens, havia mais vinho para beber no navio que água e era o que eles bebiam, o meu pai tornou-se alcoólico, entretanto o meu pai veio, veio à seca trabalhar depois acho que fez para lá qualquer asneira, deixou queimar qualquer coisa e tal e veio embora, ainda chegou a ir ao Estaleiro fazer vigia, antigamente no Estaleiro iam pessoas só fazer vigia da parte da noite, a vigia o que era, era tomar conta dos navios, das armações...ainda chegou a andar por ali e depois perdi-lhe um bocado o rasto porque entretanto saiu de casa, separaram-se os meus pais...ele saiu de casa e eu fiquei com a minha mãe e tive bastante tempo sem ter contacto com ele, depois acabou por falecer, faleceu muito novo, o meu pai faleceu deveria ter para aí 50 anos se tivesse, quando faleceu e pronto perdi-lhe assim um bocado...o bocado que eu sei é disso, outra coisa que eu me lembro perfeitamente que era a única coisa que eles traziam do bacalhau era as caras e as línguas, ele trazia aquilo numa barrica salgado, um gajo miúdo não gosta daquilo, os miúdos não gostam de bacalhau, caras ainda hoje gosto, línguas não gosto, eu as caras hoje como e gosto, adoro agora línguas ainda hoje não como...

Centro de Mar – Línguas nunca comi, caras já comi...

José Luís Cambão – Se calhar hoje se provar as línguas vou gostar...quando chegava do mar, trazia e depois lá, as minhas tias e a minha mãe davam-nos e eu então era uns mãos largas, “oh mãe dê-nos mais...”, eu só queria que nos desse depressa aquilo, porque quando mais depressa desse menos eu comia...é o que eu me lembro, lembro-me de trazer os brinquedos, uma boneca muito grande que trouxe para uma prima minha que não via nada daquilo pronto, eles traziam aquilo quando iam a uma terra lá em São Jones ou assim traziam, compravam brinquedos para trazer...de resto as histórias que eu oiço são histórias de...muito duras, e depois à uma coisa muito importante no bacalhau que pouca gente fala nisso, falasse nas más condições dos pescadores, falasse nas más condições do navios, falasse de tudo e é tudo verdade, é tudo verdade mas, nós fomos os filhos, fomos os órfãos de pais vivos, fomos criados em pais, o pessoal da minha geração que os pais andavam ao bacalhau, fomos criados sem pais...

Centro de Mar – Em média eram 6, 7...

José Luís Cambão – 6, 7...até o navio estra carregado e depois quando o navio chegava eles vinham para aqui e vinham trabalhar para o navio, porque se não, não se ganhava, muita gente viveu sem pai praticamente, e depois é assim os homens do mar não eram todos iguais mas aqueles mais viciados, mesmo quando estavam cá não iam para casa, havia as tascas, havia essas coisas todas e a vida era difícil pronto e eu praticamente vivi sempre sem pai...eu em terra e eu viver com o meu pai...é como eu lhe digo, estive com ele até aos 8, 9 anos e a partir daí acabou, há coisas que eu tenho na memória, não me saíram mais, foi a história de fazer o saco para ir embora e fazia-me confusão levar comida e eu dizia assim “vais levar comida? Mas essa comida não chega para tanto tempo!”, e ele “Não, eles também tem comida lá nos barcos, esta é só para comer depois da hora e tal...”, fazia-me assim um bocado de confusão, entretanto quando fui trabalhar, eu fui para os Estaleiros aos 15 anos e pronto, começo a saber o que são os navios, recordo-me de uma vez ir no Candeias até Leixões, o navio saiu daqui e foi para Leixões, depois foi abastecer lá e foi meter sal, acho que o navio foi lá fazer um abastecimento qualquer e o pessoal daqui quis ir, a família e fomos até Leixões no Navio, depois eu fui para os Estaleiros e começo a trabalhar aqui nos navios da empresa e é que me começo a aperceber perfeitamente do que era a pesca do bacalhau e já estávamos nos anos 70, já tinha sido o 25 de abril, eu começo a ver os homens a dormir na proa todos juntos, nos Estaleiros já tinham camarotes e antes não tinham...trabalhei na transformação do Mareantes, quando o Mareantes é alterado de contra contínua para contra alterna, levou um quadro novo meteu-se...começou a levar porão frigorífico, traziam o peixe fresco, peixe congelado e pronto, acompanhei depois a partir de 75 para cá acompanhei as transformações todas dos navios da empresa...

Centro de Mar – Já agora, nos Estaleiros os bacalhoeiros de raiz, construíram-se?

José Luís Cambão – Construíram-se, o Candeias, o Mareantes, o Pré Merenda, O Pré Santa Cruz, o Pardelhas, Murtosa, Calvão, mas para aqui para Viana foram construídos 4 ou 5 e depois o último que eu vi construir foi o Pai de Santa Cruz, que vi construir minto...foi acabar de construir, que eles

acabaram nesse ano, foi o Santa Cruz e o Pré.... Eu ainda fui ao Pré... era aprendiz só que todos os oficiais tinham um ajudante...fui ao Pré... e quando veio uma garantia que veio aqui aos Estaleiros, mas os navios não eram da empresa de Viana, os navios foram comprados mais tarde já velhos para a empresa de pesca de Viana, aqui da empresa de pesca do meu tempo era o Candeias, o Mareantes, Madalena, São Ruy, Vasco Loureiro e Rio Lima, que depois foram...houve aquelas traulhices todas, foram transformados em lions, eram abatidos e deixavam de ser abatidos, desmanchavam aquilo, os navios antes de disso começaram-se a chamar lions, lion primeiro, lion segundo...

Centro de Mar – Havia 3...

José Luís Cambão – Esses navios o que é que foi, foi um abate de um navio como São Ruy, São Ruy foi abatido e começou-se a chamar lion não sei quantos, pronto, e depois a empresa comprou o Praia de Santa Cruz e o Praia da que estavam arrumados, comprou-os...comprou o Praia de Âncora, comprou o Santa Luzia, eram os barcos mais pequeninos que depois começaram a ir para o marisco para Moçambique, foram para o camarão para Moçambique, depois começaram a andar só no bacalhau, depois começaram a ir para a zona das Maldivas e para ali para....esses peixes, outro tipo de pesca, começaram a ir para ali para a zona da Argentina, e...os outros continuaram no bacalhau, depois acabou a pesca à linha e começou o arrasto, mas mesmo assim eles no tempo do arrasto, eu creio, isso não posso ser muito preciso mas eles ainda trabalhavam com...ainda faziam pesca à linha, só que já era diferente, tinha aqueles botes maiores, os de alumínio em que eles trabalhavam com os anzóis era para o chamado bacalhau especial, para o bacalhau para o Natal, digamos que esse bacalhau vinha salgado e o do arrasto e tal já vinha todo congelado, depois era processado cá, lembro-me perfeitamente da seca do bacalhau, bacalhau estar a secar lá porque tinha...

Centro de Mar – Também não foi há muito tempo...

José Luís Cambão – Sim, mas já não trabalhava como seca, armazéns frigoríficos e tal mas secar o bacalhau cá fora nas vinhas, como era chamado, já vai há mais anos, tive 2 tias minhas que trabalharam...

Centro de Mar – Entrevistei o Formiga e a D. Ana, de Darque...

José Luís Cambão – A minha tia, que faleceu há 2 anos trabalhou lá na seca e aqui na descarga do sal, na seca...eu tenho...são aquelas coisas que não se esquece, as mulheres usavam aqueles xailes às costas e tal para se agasalharem e eu quando via a minha tia chegar com o xaile dobrado, tipo uma trouxe, como a gente chamava, eu “pronto, lá vem outra vez material da empresa”, que era os sames e as espinhas, aquela primeira espinha a seguir à cabeça do bacalhau era cortada e aquilo trazia um bocado de peixe agarrado, pronto, traziam aquilo da empresa e aquilo comia-se, porque é que o pessoal da minha geração e da geração anterior à minha poucos gostam de arroz de bacalhau? Porque o arroz de bacalhau era feito com isso, hoje eu adoro arroz de bacalhau, faço arroz de bacalhau com uma posta de bacalhau, antigamente era com os rabos, com umas peles para dar...e com essas espinhas...

Centro de Mar – Olhe, deixe-me só fazer-lhe uma perguntinha em relação ao seu pai que...ele embarcou sempre aqui em Viana? Nunca foi para fora?

José Luís Cambão – Aqui em Viana, nunca foi para fora...sempre aqui em Viana...tanto ele como os meus tios, um tio meu que é o Manel Casanova eu vi o registos em Ílhavo, tem isso...estão lá os registos, esse meu tio, o Manel foi o que andou mais anos, era ajudante de motorista e depois motorista, o meu pai teve essa parte no convés e depois o que eu me lembro é de ele estar na cozinha, uma coisa que eu me lembro dele fazer era o pão, nós tínhamos um fogão a lenha em casa e ele fazia pão, quando estava cá fazia pão, pão no fogão de lenha como o pão que fazíamos nos navios, o pão nos navios era sempre bom, cheguei a comer pão feito nos navios, já trabalhava nos Estaleiros, eles fazerem pão a bordo e eu comer o pão do navio, era bom...

Centro de Mar – Tinha uma boa padaria...

José Luís Cambão – Eu lembro-me deste navio, do Gil Eannes quando veio...a primeira vez que eu trabalhei no Gil Eannes, veio ao Estaleiro...

Centro de Mar – Mas trabalhou em reparação?

José Luís Cambão – Em reparação, veio aos Estaleiros, ainda não tinha sido abatido, mas já tinha sido transformado, já não era navio hospital, já não tinha

nada que fizesse lembrar o navio hospital, só o nome e depois lembro-me perfeitamente do navio chegar...

Centro de Mar – Ele depois funcionava só como navio...

José Luís Cambão – Abastecimento...

Centro de Mar – Abastecimento, combustível ou...

José Luís Cambão – Combustível, carga que levava para os navios mas pouco tempo depois encostou...

Centro de Mar – Ele como hospital também funcionou...também não funcionou muito tempo...

José Luís Cambão – Ainda funcionou muitos anos, só que não funcionava só como hospital, era um navio de apoio, o correio ia por aqui, documentos e coisas do género iam por aqui, depois começou...isto é assim, depois também vai evoluindo, os navios começaram a ter enfermeiros e tal, viagens mais rápidas e tal...pronto, isto foi modificando, no tempo dos navios à vela e mesmo quando começaram os primeiros navios a diesel, a máquina, eu recordo-me do pessoal dizer que daqui até à zona dos Açores os navios a motor chegavam primeiro, mas depois os navios à vela, quando encarregavam os navios a motor não lhes ganhavam, aquilo andava mais, tinham máquinas fracas, era como os barcos aqui da Ribeira... eu lembro-me de ver os barcos da Ribeira, barcos grandes, mas porque é que havíamos muitos que não conseguiam entrar quando estava mau tempo? Porque os barcos não tinham potência, não tinham força, os navios a motor tinham pouca força, mas isto era muito engraçado, era bonito os navios...

Centro de Mar – E aqui no Gil Eannes, que tipo de intervenções fizeram, o que é que fez?

José Luís Cambão – Isto é assim, na altura a manutenção era abrir os motores, eu estava na parte elétrica, a gente lavava os motores com os produtos de limpeza, secávamos na estufa, mudávamos os rolamentos e montava outra vez, isto em termos de reparação nunca teve assim nenhuma recuperação grande, depois quando veio para aqui já pronto e ficou aqui como navio museu aí é que teve algumas intervenções, eu lá no Estaleiro eu fiz

algumas coisas...eram coisas muito...não havia dinheiro, foi por o navio mais ao menos, com luzes, navio a flutuar pintado e tal para vir para aqui, agora quando fizeram este Centro de Mar, estas últimas obras já na parte final dos estaleiros, eu fazia a preparação do trabalho na oficina da eletricidade e o Eng.º Santos Lima uma altura pediu-me se eu podia vir aqui com a Eng.ª da parte do projeto da eletricidade, esta coisa e tal, dar uma opinião, que tipo de iluminação haviam de meter aqui, que materiais devemos utilizar...e pronto, vim aqui algumas vezes dar algumas ideias que fugiram um bocadinho ao que era para fazer inicialmente porque tornava-se muito caro, se a gente fosse por materiais antigos que era tudo iluminações de latão, bronze...

Centro de Mar – Mas era mais bonito...

José Luís Cambão – Isso era original, não havia disto não é, mas pronto...

Centro de Mar – Isto aqui é tudo...

José Luís Cambão – Foi-se fazendo...isto antigamente, é engraçado, um isolamento...era uma tinta, um primário, era uma massa com cortiça colada e o isolamento era muito pouco, isto era muito frio...a ferrugem dos navios, era picada...a empresa tinha muita gente, a coisa de pesca tinha muita gente a trabalhar na pintura, então o navio chegava, entrava aquele batalhão de homens para os navios, aquilo no convés era picada a ferrugem, com uma pica, pim, pim, pim...picavam a ferrugem e depois pintavam, a gente entrava num navio, a gente chateava-se “Oh pá, para com essa M****”, era tudo ali a picar, depois haviam alturas que estavam assim alguns sítios mais escondidos e para que o chefe pensasse que ele estava sempre a trabalhar estava pim, pim, pim a bater mas estava sempre no mesmo sítio, eles não avançavam, aquilo era rapaziada nova, juventude, depois os ordenados também eram pequenos e o pessoal ia fazendo...

Centro de Mar – Olhe, e os Estaleiros já agora, em que...quando é que começa a trabalhar lá? Com que idade?

José Luís Cambão – 15 anos...

Centro de Mar – E qual foi...entrou logo como eletricitista?

José Luís Cambão – Não, foi para pacote, para a contabilidade...

Centro de Mar – Pacote? Para a parte administrativa?

José Luís Cambão – Sim, para a parte administrativa, para a contabilidade e depois ao fim de 8 meses fui para a eletricidade, andava a estudar...

Centro de Mar – Já tinha conhecimentos?

José Luís Cambão – Estava a estudar, no curso industrial, estava a fazer o curso...

Centro de Mar – E só trabalhou nos Estaleiros?

José Luís Cambão – Só trabalhei nos Estaleiros, trabalhei muito cá por fora...durante muitos anos cada dia de trabalho fiz dois, tínhamos aí um grupo que hoje estão estabelecidos, é uma empresa, mini empresa aqui de Viana com muito sucesso e a gente trabalhava por fora, o chamado biscate pronto, quando foi o bombo das fábricas têxteis, as mini fábricas têxteis ali da zona de Barroelas e por aí a gente multou isso tudo, pronto saía dos Estaleiros às 18h e íamos trabalhar até à meia-noite, andamos assim montes de anos, depois fiz uns trabalhos também casa, depois nos Estaleiros estive muitos anos na parte de bobinagem, umas bobinagens e tal, uns biscates para se ganhar uns dinheirinhos extra...

Centro de Mar – Em termos do dia-a-dia na empresa, como é que era?

José Luís Cambão – Aquilo é assim, aquilo teve várias fases...

Centro de Mar – Isso é entre...(19)75?

José Luís Cambão – Sim, 75, já depois do 25 de Abril, trabalhei nesta, já trabalhei na....quando o Estaleiro acabou, eu estive 1 mês em casa só depois fui trabalhar para esta empresa até me reformar, apareceu-me um problema de saúde, tive que deixar...

Centro de Mar – Se começou aos (19)15...

José Luís Cambão – Já tinha feito...só vim porque pronto apareceram-me uns problemas de saúde e o médico aconselhou-me a parar, mas ainda estive ali 1 ano e tal, e era para continuar mais uns anitos que eu não queria que aquilo acabasse, a minha preocupação e a minha bandeira era não acabarem os

Estaleiros em Viana, fossem com quem fossem, mas continuar a haver construção de navios em Viana, pronto, e o Estaleiro foi assim, entrei para lá, fui para a contabilidade, andava ali a levar documentações... não havia informática, hoje informática é email e os programas estão metidos e eu tenho acesso, se quero saber se o material está no armazém chego ao computador e vejo, se já chegou a encomenda se não chegou, em tal dia... nesse tempo não, tinha que ser, se eu queria mandar uma notificação para um sítio qualquer tinha de escrever e um gajo ia levar em mão, tinha uns impressos próprios e um gajo ia levar em mão, queria fazer uma requisição de material hoje, vai a um computador requisita-se o material, a requisição saí no armazém e o material aparece na oficina, naquele tempo não, era feito em papel, a pessoa ia levar ao armazém que se fosse coisa podia esperar ao balcão, se fosse uma coisa de esperar, esperava e levava senão deixava ficar no armazém e depois no dia seguinte ou se fosse material que fosse para comprar ou assim ia-se buscar, mas isso todos os setores faziam isso, era assim que funcionava...

Centro de Mar – E em termos de relacionamento no trabalho?

José Luís Cambão – Em termos de relacionamento com os colegas é assim, eu por acaso não tive razões de queixa e isto é assim, nas profissões, uma pessoa quando começa numa profissão de muito de baixo, na base de aprendiz a carreira vai-se desenhar logo, a carreira profissional desenhasse logo à nascença, há gente que não deram grandes profissionais porque também não tiveram oportunidades, porque é assim, a gente quando vai trabalhar vai para a beira de um determinado profissional e vai andar com ele, se o oficial for bom e tiver... se for uma pessoa desenrascada, se for bom profissional dão-lhe aqueles trabalhos mais evoluídos e uma pessoa anda com ele e evolui como ele, se o indivíduo tem um azar de ir para a beira de um indivíduo que é mais baldas, que anda naqueles trabalhos mais foleiros, o indivíduo se se encosta a ele é por ali que vai e das duas uma ou emenda ao ponto de dizer “é pá não quero andar mais com fulano”, porque não aprende nada, a correr o risco de sofrer represálias... mas tem que dizer “é pá, com aquele não ando porque não aprendo nada...”, ou então vamos ter que rodar e no meu setor por acaso a coisa até não correu muito mal, agora não há rapazes, hoje não se começa a trabalhar antes dos 18 anos, na minha altura ia-

se com 14, eu fui com 15, mas ia pessoal com 14, os paquetes iam com 12 anos para o Estaleiro, começavam com 12 anos os paquetes e nós pronto, no meu setor o pessoal ia rodando, uns mais que outros, eu tive a sorte de ir para a bobinagem, a secção dos motores, reparações de máquinas de soldadura, a soldadura foi uma das coisas que evoluiu estrondosamente, não tem nada a ver, só para ver, nós tínhamos 3, 4 homens todo dia, 365 dias por ano para as máquinas de soldadura, máquinas enormes, máquinas de consumos...aquilo queimava muito, e pronto, não havia proteções não havia nada e a gente estava sempre a trabalhar naquilo e eu tive a sorte de ir parar a esse setor porque houve colegas meus que nunca tocaram num motor, como é que eles podiam chegar à parte dos motores se nunca lá chegaram? Nunca chegaram porque nunca os puseram... eu tive essa sorte de ficar por ali e pronto é uma coisa que eu tenho de dizer, não posso ser hipócrita eu nunca fui um individuo de estar quieto, eu estava a trabalhar com o meu oficial e estava a ver o do lado a fazer e tentei sempre beber em todas as fontes para provar as águas, qual era a água melhor, assim como por exemplo, eu hoje eu adoro trabalhar em carpintaria, eu já construí dois barquitos para andar no rio, barcos de 5 metros para andar no rio, construi-os eu próprio, eu questiono-me muitas vezes porque não fui para carpinteiro, eu tenho muita ferramenta de carpintaria em casa, porque eu adoro trabalhar madeira...mas eu por exemplo, faltava-me a eletricidade na oficina, a carpintaria do Estaleiro era ao lado da Igreja da Sr.^a da Agonia, onde está agora aquela sede da junta, era ali, a gente vinha ali ou ver alguma máquina, ou mudar lâmpadas, a gente vinha ali com o escadote às costas, escadotes de madeira não eram de alumínio ou trazíamos num carrinho ou vínhamos com aquilo às costas, vínhamos para ali, a gente mudava as lâmpadas e o chefe às vezes já me dizia “É pá, tu demoras muito tempo a mudar as lâmpadas”, porquê? Porque eu ia ver os carpinteiros trabalhar, eu gostava muito de ver a trabalhar a madeira e muita coisa que eu aprendi foi a ver e depois desde pequeno tive sempre um bocado de jeito para os trabalhos manuais, desde pequeno eu fazia barcos, fazia coisitas pequenas, mas era quase tudo virado para os barcos, até que eu nasci numa quinta, não sei se conhece na Meadela a Doce Giesta uma pastelaria que tem...aquilo era a quinta onde eu nasci, eu nasci ali dentro, tínhamos o rio, aquele rio que passa lá em baixo, aquilo agora só trás um fio de água, quando eu era miúdo tinha

uma passagem para o lado da Abelheira e não se passava com as cheias de inverno não se passava, tinha-se de vir cá baixo à estrada, não se passava ali...e as minhas brincadeiras foram todas ali naquele rio, desde a pesca às enguias, havia muitas enguias, as minhas brincadeiras foram sempre ali assim, pronto, foi ali que eu nasci e fui criado e a gente brincou sempre por ali, e pronto, e eu é como lhe digo, fiz a minha carreira assim a aprender com a escola e depois a aprender com profissionais mais velhos e depois fui começando a fazer a minha gestão também, com aquele aprendo, com aquele não aprendo, mas a gente se quiser aprende com toda a gente, aprende com os maus, a gente com os maus também aprende...

Centro de Mar – Nem que não seja o que é que não se deve fazer...

José Luís Cambão – Eu costumava dizer assim a título de brincadeira, nós chegamos a ser 2000 e tal nos Estaleiros às vezes falava-se disto e aquilo, eu já trabalhei com filho de muita mãe, porque no meio de 2000 homens há gente de toda a espécie, mesmo em termos de Filipinos, Russos, Búlgaros, Africanos, gente das ilhas do Pacífico, trabalhei com essa gente toda, a gente não precisa de se entender, fala Inglês e tal e vai-se desenrascando, mas mesmo que a gente não fale a língua a gente acaba sempre por se entender e nunca ficou nenhum trabalho por fazer por a língua, a gente aprende com toda a gente, muitas maneiras de ser, procedimentos, a gente se quiser aprender aprende com todos e de todos tira uma lição para a vida ou um capítulo de lição para a vida que vai usando e vai transmitindo para os filhos que é o meu caso agora, tenho 2 filhas tento transmitir às minhas filhas o que é, eu hoje digo às minhas filhas, por exemplo, “olha, eu quando fui para o Estaleiro, fui ganhar 12€ por mês”, e elas riem-se, não era 12€, eram 2 contos e quatrocentos, o que equivale hoje a 12 euros, “pai 12€?”, “Era...”, “Mas dava para fazer muita coisa?”, “Não dava, não conseguia comparar 1 par de sapatos com esse dinheiro, eu tinha de esperar 2 meses para comparar um par de sapatos mais ao menos...”, custavam 3 contos e duzentos, os sapatos que eu usava custavam 3 contos e duzentos, com um ordenado de um mês não chegava para uns sapatos, agora claro, todos os anos era aumentado, uma pessoa começa como ajudante... aprendiz 1.º ano, aprendiz 2.º, aprendiz 3.º, ajudante, pré-oficial e depois até a um determinado escalão era promoção automática

todos os anos, a partir daí era promoção por mérito, entretanto nós saímos dali da quinta e fui morar mais para cima um bocadinho, para a casa dos meus padrinhos porque quem trabalhava a quinta eram os meus avós e a minha mãe, entretanto a minha avó estava velhota, o meu avô tinha ficado cego e a minha mãe não consegui resolver o problema da quinta tivemos que largar, entregar aquilo ao dono e fomos murar para a casa da minha madrinha, que era irmã da minha mãe, fomos para lá morar, entretanto a minha mãe faleceu com 48 anos, tinha 16 anos quando a minha mãe faleceu, eu não tenho mais irmãos e continuei a viver ali com a minha madrinha e com o meu padrinho e fiquei ali, ainda hoje estou lá, entretanto eu depois casei-me, fui para uma casa alugada depois pus um andar em cima da casa que estava e hoje estou lá outra vez...

Centro de Mar – Andou sempre e por aqui...

José Luís Cambão – Andei sempre por aqui, pronto, e é assim e foram estas lições de vida que esta gente que andou no mar, trabalhos difíceis e tudo que a gente aprende e tira lições para a vida e sabe que isto...

Centro de Mar – Olhe Sr. José Luís, diga-me uma coisa à parte desta conversa, da empresa de pesca de Viana conhece alguém, têm algum contacto com alguém, eu vou-lhe explicar, eu estou a fazer um levantamento...

José Luís Cambão – Da empresa de pesca, trabalhou durante muitos anos e ainda está vivo que era o chefe de carpintaria, ele está, ele mora lá em cima na Meadela mesmo em frente ao Estádio da Manuela Machado, tem uma filha que deve de conhecer que trabalha na trinca peixe...

Centro de Mar – Não conheço ninguém de lá...

José Luís Cambão – Uma filha dele trabalha lá...Conceição...

Centro de Mar – Deixe por aqui, mora...

José Luís Cambão – Em frente ao Estádio Manuela Machado, é o Zé Maduro que não é Maduro de nome mas é um nome de famílias, são os maduros é dos maduros da Abelheira...

Centro de Mar – Portanto a filha...

José Luís Cambão – A Conceição trabalha na trinca peixe, é um homem com 80 e... tem uma história na empresa de pesca...

Centro de Mar – Mas eu precisava de ter acesso à documentação deles, porque eu estou a fazer o levantamento...

José Luís Cambão – E tem um outro irmão, o Domingos, esse andou até... a pouco não, o tempo passa depressa...embarcado que era, foi chefe de máquinas que era os primeiros maquinistas e eu não sei se ele andou também na empresa, ele quando formou já não andava na empresa, andava no comércio mas eu acho que ele chegou a andar aqui na empresa...agora assim gente da pesca...

Centro de Mar – Aquele o...

José Luís Cambão – Esse era o tal filho...era o pai do João Enes...

Centro de Mar – Mas ele era da empresa?

José Luís Cambão – Era da empresa...eles devem ter, o formato da casa...

Centro de Mar – Eu sei, eu sei, o irmão dele tem uma loja de informática, padrinho da minha irmã...e eu, o filho é praticamente da minha idade...

José Luís Cambão – Eles devem ter...

Centro de Mar – Pois é, pois é...eu vou lá...

José Luís Cambão – Eu ainda lidei com o Nos Estaleiros, estava ele em Aveiro, na empresa de pesca de Aveiro...

Centro de Mar – Mas ele foi dono da empresa de pesca? Mas teve ligações...

José Luís Cambão – Teve ligações, também andou aqui, depois eles estavam em Aveiro e quando vieram aqui reparar o Santa Isabel, vinham de Aveiro cá reparar, o chefe na altura pedia-lhe “arranja-me aí um bocado de bacalhau...”, e gente comprava, a gente arranjava um fardo de bacalhau e ele distribuía pelo pessoal todo e tal e era o ...que resolvia isso...o Ângelo Silva também andou mas já não sei quem é que tem a documentação dele, o Ângelo Silva tinha uns escritos engraçados...

Centro de Mar – O que eu precisava, pronto, era de uma listagem com tudo, fotografias, porque eu queria fazer mais ao menos do estilo que está feito ali o de Aveiro, não sei se já alguma vez foi ver...

José Luís Cambão – Nunca fui...

Centro de Mar – Eu queria fazer uma coisa do género, mas sobre as embarcações que até cheguei a falar ali com Dr. João da For-Mar, ele até que me lançou aquela ideia e achei aquilo muito interessante e tenho até uma listagem da Capitania, já falei ali com a Mútua dos pescadores, eles também têm alguma reserva em partilhar assim essa informação mas quem tem estes registos de certeza que é a empresa de pesca, fotografias...

José Luís Cambão – Agora eu não sei, este espólio da empresa, isto devia de ter ficado em algum lado, não sei, quem é capaz de saber alguma coisa é o Nicolau, o Nicolau foi dos últimos a vir de lá, já tinha vindo embora e ainda tinha acesso, aliás...era aqui na rua da Altamira, ele teve ali uma oficina dele e a gente chamava-lhe a molagem porque aquilo tinha sido uma antiga molagem no tempo do exército...então a gente dizia “olha, vou à...”, quando era puto “vamos à... Fazer o quê?”, “é ali na empresa...”, e a gente vinha às vezes arranjar materiais e tal e ia ali à rua da Altamira, pronto, e o Nicolau foi dos últimos anos a vir embora, ele pode saber alguma coisa, os registos todos, havia... há 2 indivíduos que foram empregados de escritório aqui na empresa muitos anos que depois foram para o tribunal, que é o Palhares, o Palhares acho que ainda está aí, e um outro sujeito...

Centro de Mar – Este Palhares foi advogado da empresa?

José Luís Cambão – Não era advogado, trabalhava nos serviços administrativos na empresa e depois foi trabalhar para o tribunal, isto lá está, trabalhar para as empresas do bacalhau era um estatuto diferente, porque eles daqui da empresa foram para o tribunal...era o Palhares e era outro sujeito que morreu aqui atrasado...o filho dele, agora não me recorda o nome dele mas eu facilmente descubro o nome dele, eles trabalharam na parte administrativa e eles também podem saber alguma coisa de registos e essas coisas todas porque isso passava-lhe nas mãos...

Centro de Mar – Eu queria tudo que pudesse deitar a mão...

José Luís Cambão – A Marinha tem esses registos todos, o role de embarques, a Marinha tem porque aqui há uns anos quando foi o Dia da Marinha, foi comemorado aqui em Viana, eles fizeram uma exposição lá em baixo na AIMINHO, puseram lá uma piscina para os miúdos irem mergulhar, que eu levei lá as minhas filhas para fazerem o batismo de mergulho e tal...tinham lá os registos de embarques dos navios e da empresa de Viana que eu pedi a um individuo a ver se me arranjava uma cópia daquilo, um da Marinha que estava lá de serviço e ele disse-me “Olhe, não lhe posso dar nada do que está aqui, nem deixar tirar nada mas faça uma coisa, vou dar uma volta, arranje uma máquina fotográfica digital, não havia telemóveis...arranje uma máquina e chegue aqui e tira uma fotografia à folha que lhe interessar...a Marinha tem esses registos todos, roles de embarques dos Navios só que demora tempo a chegar lá, deve estar no Museu da Marinha, eles devem ter isso tudo...

Centro de Mar – Qualquer dia vou ter que lá ir...

José Luís Cambão – Tem que começar por uma ponta, eles tem o livro registado manualmente...

Centro de Mar – E o depois o que queria era recolher, eu sei que há informação na seca que está desaparecida que já andaram lá a queimar coisas...

José Luís Cambão – Na seca ainda deve ter alguma coisa...

Centro de Mar – Eu na seca sei que é um Sr. Coelho de Âncora que está lá, que toma conta daquilo, só que não o consegui apanhar, já passei lá muitas vezes...

José Luís Cambão – Na seca deve ter os documentos, devem ainda estar na seca, não devem ter destruído...

Centro de Mar – Eu quando entrevistei o Formiga e a D. Ana disseram que andaram lá uma altura a queimar fotografias e os seguros que tinham lá do pessoal...

José Luís Cambão – Eu fotografias do meu pai com os navios não tenho, tenho 2 fotografias...

Centro de Mar – Se tivesse, se puder trazer nós digitalizamos e guardamos isso...

José Luís Cambão – Com aquela camisa do mar aos quadrados que eles usavam...tenho lá duas, fotografias...aquilo era engraçado, fotografias que eram a preto e branco e depois era o fotografo que lhe dava cor, que as pintavam, era fotoshop mas era fotoshop à mão, via as fotografias, uma a preto e branco outra a cores, mas a cor era uma qualidade e a fotografia era retocada à mão, ajeitar os olhos com um pincelzinho, retocavam aquilo à mão...

Centro de Mar – Olhe Sr.º José acho que já tenho aqui muita coisa...

José Luís Cambão – Não tenho muito mais para lhes dizer...

Centro de Mar – Olhe eu agradeço e se entretanto de lembrar de alguma coisa que...

José Luís Cambão – Tenho um amigo aqui, portanto, ele não andou no bacalhau, mas andou o pai e andaram os irmãos, ele sabe muito das pescas, porque depois o pai tinha um barco de pesca aqui em Viana que era o Princesa do Lima, era mais que um mas um foi o Princesa do Lima e foi o irmão desse meu colega que andou com esse barco até ao fim que deve conhecer a família, conhece o Carlos Ferrares, dos Ferrares que tinham a loja dos artigos de pesca?

Centro de Mar – Não, o meu avô também tinha ali...era o Rufo do gás, era o pai da minha mãe...

José Luís Cambão – Era conhecido pelo Manel Camões, tinha esse barco grande que era o Princesa do Lima e também andou no bacalhau, ele tem aí 2 filhas que uma delas está casada com o Luciano do hóquei patins, tem as 2 filhas, portanto, que estão aí e esse meu colega, o pai andou no bacalhau...

Centro de Mar – Mas como é que se chama ele?

José Luís Cambão – Pedro da Guia...

Centro de Mar – Olhe o Zé da Guia aqui dos armazéns...

José Luís Cambão – Eles são aqui da Ribeira, há muitos Guias...

Centro de Mar – Mas diga-lhe quando quiser passar aqui...

José Luís Cambão – Ele não pode, ele sabe muitas histórias, aliás no bacalhau haviam as primeiras linhas, havia um concurso a nível nacional, que era a primeira linha, a segunda linhas que era o pescador que apanhava mais peixe naquele ano... havia um concurso, o pessoal aqui de Viana, tanto o pai desse mau colega que era o Manel Camões como o Artur Relé, foi um famoso da história do bacalhau porque foi primeira linha durante muitos anos, era pessoal aqui de Viana, também da Ribeira ainda tem aí filhos... também estão ligados ao mar, uns deles andaram na pesca, um deles está na... andaram sempre ligados ao mar...

Centro de Mar – Mas se tiver, se conhecer pessoas, não é só ao bacalhau interessa-me tudo, tudo que esteja ligado ao mar, pesca costeira, pesca... traineiras, construção naval, lampreias, ameijoa, tudo... o meu trabalho é fazer registo de tudo, da seca, também já andei ali um bocadinho, o pessoal que andou ao sargaço...

José Luís Cambão – Sargaço fui eu muitas vezes com a minha mãe e os meus avós, nós tínhamos uma quinta, eramos os caseiros da quinta e o sargaço ia-se buscar para fazer estrume para a quinta, quando havia aquelas marés vivas, que atiravam o sargaço para a praia, o mar mexia muito “Aí já tem sargaço na praia”, tirava-se uma licença, tínhamos que ir à Capitania tirar uma licença... andava lá a pedir as licenças da apanha do sargaço, pagava-se para apanhar o sargaço, depois punha-se nos campos a secar...

Centro de Mar – Eu sei, eu sei... a minha mãe também...

José Luís Cambão – Chegou-se a deitar sardinha para fazer estrume...

Centro de Mar – Sério? Antes havia muita também, agora para arranjar...

José Luís Cambão – E o preço está cada vez pior, a exploração é muito... os mares estão a ficar esgotados, primeiro pela exploração, mas para mim o maior... um dos grandes problemas do mar é a poluição que o mar tem, os

navios... mas não é só a poluição dos plásticos e dos detritos que vão parar ao mar através dos rios e através dos coises que esses...é os grandes navios a fazerem limpezas de tanques e a despejar no mar... porque é que os gajos da Somália fazem muito barulho? Porque os grandes navios passam lá e é lá que despejam o lixo, aquilo não é uma guerra por acaso, pois uma coisa encadeia a outra, se eles fossem para lá fiscalizar as limpezas de navios e tudo... nós quando vem aqui navios para limpar, para reparar, vem já tudo limpo mas aquilo é despejado no mar, as redes dos pescadores...eu faço pesca desportiva, tenho um barquinho e faço pesca lúdica pronto, 4 milhas, 5 milhas e às vezes fica preso ao fundo, são redes que estão lá em baixo, porque antigamente as redes iam e vinham para o mar todos os dias, hoje não, as redes já ficam lá, mau tempo e tal as redes rasgam-se e tal...ficam no fundo, não há preocupação de trazer para a terra, aproveitam as cordas, as boias e a...de resto a rede fica no fundo, depois a rede mata tudo, não tem hipótese, o peixe se ficar preso, se não conseguir fugir...mas morre, morre ao tentar fugir porque aquela rede corta, mata tudo, não perdoa, hoje pouco se pesca ao anzol, o anzol fazia beda(?), como eles chamam, o peixe pode estar pendurado no anzol mas ainda consegue nadar, ainda está ali um bocado e um anzol só traz um peixe, agora é assim, por cada anzol que tenha há um que o peixe ficou preso e outro que conseguiu comer a isca e foi embora, hoje não, as redes...eu falo com homens aqui da Ribeira que tiveram barcos de pesca, um caso de um sujeito que é conhecido pelo João da Bufa, teve sempre barcos de pesca e ele diz me, e era um barco grande, naqueles que andavam 10 homens, andavam com 70 redes, quando andavam com 80 redes já era um barco do caneco, hoje estes barcos...umas 1000, 1500, o mar vai ser dizimado e esta gente vai embora daqui quando o mar não der mais nada...quando p mar só tiver as pedras eles vão largar o mar, quando os netos deles quiserem ser pescadores não vão poder ser, porque o mar não tem, porque hoje pronto, é a poluição, a exploração é muita e depois é assim, não dão chances ao peixe, a gente às vezes está a pescar aqui...

Centro de Mar – Nós aqui ainda somos pouca gente, uma pessoa vai à China, ou à Índia, aquilo é...alimentar aquela gente toda

José Luís Cambão – Nós aqui...a gente está aqui a pescar, aqui desviado 4, 5 milhas e começa a ver eles a largarem redes lá pelo sul, quando dão por ela já vão para cima de Montedor, e não é 1 barco, são vários...e aqui há uns anos para trás andavam por fora, agora já estão na beirada, quer dizer a última fiada de pernas que tem antes da praia também já está a ser dizimada e quando já não houver peixe, quando o peixe vem desovar próximo da costa quando acabar...e depois não é assim, depois é os fundos, os arrastos e o carago, matam os ninhos matam tudo, a comedoria dos peixes e tal, aquilo fica tudo em pó, tudo em terra e essas coisas e o peixe? Desaparece, são dizimados, pronto...não há... isto é para acabar...

Centro de Mar – Pronto Sr.º José, já temos aqui muita coisa...

José Luís Cambão – Espero ter ajudado...